

A JUVENTUDE ENTRE O DESEJO E A REALIDADE NA FORMAÇÃO ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DAS NUVENS À DOCÊNCIA...¹

MS. GILSON CRUZ JUNIOR

Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Ciências
da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina
(Florianópolis – Santa Catarina – Brasil)
E-mail: gjao05@hotmail.com

MS. FRANCISCO EDUARDO CAPARROZ

Departamento de Ginástica, Centro de Educação Física e Desportos,
Universidade Federal do Espírito Santo
(Vitória – Espírito Santo – Brasil)
E-mail: caparroz.vix@gmail.com

RESUMO

Este artigo aborda as manifestações da condição juvenil no contexto da formação inicial em Educação Física, observando como o “ser jovem” interfere na construção dos itinerários acadêmicos dos sujeitos neste curso, e (re)configura suas compreensões acerca do ser professor. Mediante questionários e entrevistas, verificou-se que este elemento sustenta diferentes formas de (des)compromisso, ligadas a aspectos como: sentidos da Educação Física na escolarização; consumo; autossuficiência; reconhecimento; família.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; formação docente; juventude.

1. O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização. Não houve conflitos de interesses para realização do presente estudo.

INTRODUÇÃO

Em outra oportunidade (CRUZ JUNIOR; CAPARROZ, 2013), demos início a uma discussão norteadas pelas categorias: formação profissional, Educação Física e juventude.² Nessa ocasião, com o respaldo de pesquisa prévia (CRUZ JUNIOR, 2009), foram apresentadas as seguintes conclusões: a) impulsionado pelos sucessivos “abalos” epistêmico-paradigmáticos sofridos pelo campo da Educação e da Educação Física nas últimas décadas, o processo de constituição das identidades docentes tem se confirmado como um tema recorrente nas pesquisas acadêmicas; b) a multiplicação das articulações entre as discussões relativas à formação identitária do professor e às demais posições sociais de sujeito ocupadas por ele; c) a juventude, concebida como dimensão ascendente da subjetividade hodierna e segmento sociocultural em expansão, representa um grupo cada vez mais expressivo no contexto da educação superior brasileira.

Convém mencionar ainda que a juventude tem se afirmado como uma fase cada vez mais decisiva da vida do indivíduo, na qual, em geral, são desencadeadas diversas rupturas que não dizem respeito somente à constituição de identidades profissionais. Esse período tende a concentrar uma miríade de expectativas para o futuro, cuja principal via de realização encarna-se na figura do ensino superior. Diante disso, não é à toa que a escolha da carreira seja motivo de bastante apreensão para o sujeito jovem, conduzindo-o a inúmeros impasses e dilemas pessoais. Talvez por isso a escolha da profissão seja tão afetada por concepções de mundo e representações prematuras, idealizadas ou mesmo fantasiosas, que povoam os imaginários juvenis, e como tal, estão propensas a agregar ainda mais dramaticidade ao delinear o futuro.

Nesse sentido, os cursos de formação universitária podem ser considerados como espaços fecundos para a compreensão da transição, por meio da qual o jovem passa das “nuvens”, isto é, das indefinições e utopias acerca da profissão almejada, à docência (em Educação Física), carreira que é objeto do presente trabalho. Em que pese a cautela exigida em leituras dessa natureza, cremos que se trata de um movimento inerentemente complexo, instável, e que por isso está suscetível a toda sorte de “altos” e “baixos”. De todo modo, interessa-nos trazer à tona as principais questões e problemas acionados no decorrer do referido percurso.

2. Com a ajuda de reflexões pertinentes ao tema (GOMES; DAYRELL, 2009; NOVAES, 2007; PEREGRINO, 2004), vimos que a juventude, enquanto noção que demarca um segmento específico, interpela os indivíduos não somente de acordo com recortes etários – normalmente, afixados dos 15 aos 24 anos –, mas também e principalmente em função de suas inserções socioculturais. Por conta disso, é natural que a juventude seja encarada como um nicho investido de elevado grau de polissemia, e que, portanto, não pode ser enquadrado em descrições genéricas e universais, calhando sempre a leitura e análise de contextos particulares.

Sendo assim, este artigo se propõe a discutir sobre como alguns dos aspectos inerentes à condição juvenil, em contato com as experiências promovidas pela formação inicial de professores em Educação Física, agem como elementos mediadores das relações entre os acadêmicos e a docência, de modo a plasmar ou apenas exprimir suas compreensões acerca do que é ser professor. Por se tratar de uma discussão já iniciada, é oportuno esclarecer que, na tentativa de evitar redundâncias, abstermo-nos de recapitular assuntos esmiuçados em publicações prévias, dentre os quais destacamos: as dimensões conceituais do fenômeno juventude e suas respectivas inserções no mundo trabalho. Por essa razão, os parágrafos a seguir se dedicam à exposição e problematização de dados ainda não apresentados. Não obstante, cremos que tal opção não inviabiliza a apreensão das ideias a seguir.

METODOLOGIA

Este estudo se orientou pelos princípios da investigação qualitativa em educação, apoiando-se, no tocante aos processos de construção dos dados, na perspectiva do trabalho de campo, em concordância com as proposições de Bogdan e Biklen (1994). Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória, que visa esboçar uma visão geral do objeto, realçando seus pontos mais problemáticos e recorrências.

O curso de licenciatura em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES) foi o espaço em que ocorreu a investigação em questão. Dele, foram selecionados 26 estudantes para compor o universo amostral da pesquisa. Os critérios de seleção respeitaram a intenção de contemplar apenas indivíduos devidamente periodizados, cursando seu último ano de graduação. Esta triagem abarcou tão somente os jovens que, em tese, estivessem próximos de iniciar sua carreira profissional, isto é, indivíduos que naquela ocasião tinham praticamente encerrado sua “estada” na universidade.

A construção dos dados ocorreu em duas etapas distintas: 1) por intermédio de um questionário composto por questões fechadas, foram identificados alguns trechos³ dos itinerários acadêmicos realizados por estes sujeitos, no curso e na universidade; 2) operando na lógica da entrevista reflexiva (SZYMANSKI, 2002), esta fase buscou identificar e analisar as motivações subjacentes a essas trajetórias, bem como seus eventuais impasses e dilemas. Para a discussão anunciada neste artigo, optamos por não seguir tal sequência, dimensionando a exposição dos dados de acordo com a sua pertinência para as categorias em foco.

3. Estes dizem respeito: a) à produção científica; b) ao rendimento nas disciplinas; c) à participação em projetos de ensino, pesquisa e/ou extensão, filiados ao curso ou à universidade; d) ao envolvimento com as instâncias do movimento estudantil; e) à participação em programa institucional de bolsa; f) à inserção da carreira docente nos projetos futuros.

Dos 26 estudantes respondentes na primeira etapa, 12 concordaram em participar da entrevista, para a qual quatro deles foram selecionados. Tal escolha se fundamentou nas respostas dadas nos questionários, cuja tabulação permitiu estabelecer uma espécie de “ranking” de participação nas atividades da vida acadêmica. A partir dele, foram escolhidos os dois indivíduos com os maiores (César⁴ e Mercedes) e os menores (Jonas e Rosa) níveis de engajamento, de modo a garantir uma análise atenta às diferentes posições em relação ao objeto.

A CARREIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: ENTRE OS MALES O MENOR...

Sem muito espanto, notou-se que, entre os acadêmicos pesquisados, as experiências sociais ligadas às práticas corporais estão entre as justificativas mais evocadas para o ingresso no curso de licenciatura em Educação Física. Ainda que várias delas extrapolem o âmbito escolar, campo de atuação para o qual está voltado o curso investigado, todas essas experiências se inscrevem em nichos de intervenção sob a responsabilidade da Educação Física, no interior dos quais sobressaem as atividades ligadas ao treinamento esportivo, ao lazer e à saúde.

Por outro lado, mesmo recorrentes, as experiências sociocorporais parecem nem sempre deter a primazia no processo de escolha profissional, tampouco agir como influências únicas e isoladas; com frequência estão dispersas, dispondo-se de modo nem sempre pacífico e conciliável no emaranhado de anseios, intenções, dilemas e, em especial, estratégias, que povoam o imaginário desses jovens. Assim ilustra o depoimento de Rosa:

A princípio eu não queria [Educação Física]. Escolhi por que queria depois ‘passar’⁵ pra Biologia. Como a discursiva de Química é mais difícil, eu resolvi tentar Educação Física. Mas afinal, eu até que acabei me acostumando, eu tenho mais facilidade com Biologia e História, e eu também já fiz dança, já fiz natação, no fundo eu até gostava disso.

Pode-se dizer que declarações como esta não são estranhas às pesquisas acadêmicas sobre a formação docente, pelo contrário, parecem cada vez mais se afirmar como lugar-comum. Nesse sentido, percebe-se que as vivências proporcionadas pelas práticas corporais, embora sempre trazidas à baila, podem exercer apenas uma função secundária, como uma espécie de *plus*, um critério de desempate, ou uma simples contingência. Para Figueiredo (2008), o que está em andamento é

4. Estes são nomes fictícios, utilizados para preservar o anonimato de nossos colaboradores.

5. Trata-se da reopção de curso: processo institucional por meio do qual é permitido ingresso numa outra graduação, sem a necessidade de realizar novo processo seletivo para ingressar na universidade.

a mobilização de uma lógica de ação estratégica que, em casos como esse, almeja aliar as oportunidades e vantagens oferecidas pela universidade aos projetos de vida traçados pelo indivíduo.

Com o objetivo de reduzir as chances de insucesso em exames de admissão e processos seletivos, condições obrigatórias para o ingresso no ensino superior; muitos jovens optam pela escolha de cursos com as “menores concorrências”, transformando-os em instâncias transitórias, pontos de passagem. Nessa conjuntura, pode-se dizer que a Educação Física assume uma dupla função: num primeiro momento, atua como uma espécie de *passaporte* que possibilita o acesso do jovem à universidade; convertendo-se, por conseguinte, em *degrau*, facilitando a chegada ao seu verdadeiro destino – o curso desejado.

Conforme expomos em outro estudo (CRUZ JUNIOR; CAPARROZ, 2013), a origem deste tipo de racionalidade se deve, em grande parte, à interferência de alguns fenômenos sociais sobre a condição juvenil contemporânea, a saber: a) a elevação contínua dos índices de desemprego entre os segmentos socioeconômicos de menor escolaridade; b) o (consequente) impulso à profissionalização precoce; c) a estetização da carreira, fator que redundava na sobrevalorização da (escolha da) profissão e também das oportunidades de preparação e certificação para o seu exercício.

Em linhas gerais, a frustração do licenciando no momento de “entrada” na universidade foi unânime nos depoimentos analisados. No entanto, as razões implicadas neste quadro variam: do caráter fortuito da escolha pelo curso de licenciatura, até a dissolução da imagem romântica nutrida em relação à docência, principalmente entre os indivíduos que desde o início manifestaram interesse em iniciar uma carreira na Educação Física. Além disso, notou-se que o ser professor, entendido como conjunto de significados, representações e funções sociais concernentes à atividade professoral, está propenso a ser percebido pelos estudantes dos cursos de formação como uma espécie de “prêmio de consolação”, ao invés de uma “conquista”.

A despeito das primeiras decepções, há que se destacar a posterior configuração de tendências comportamentais distintas entre os jovens investigados, em relação ao curso e à universidade, demonstradas mediante a identificação e diferenciação dos itinerários de formação construídos por eles. Adiante, veremos como estes indivíduos, mesmo partindo de um ponto comum de frustração (o não atendimento de suas expectativas prévias em relação à entrada no ensino superior), trilharam trajetórias diferentes na universidade.

ENTRE BIFURCAÇÕES E ENCRUZILHADAS...

Neste tópico, serão apresentados alguns dos desdobramentos observados nos modos de interação adotados pelos acadêmicos pesquisados em relação às

oportunidades formativas proporcionadas pelo curso, no intento de discernir as principais maneiras pelas quais os sentidos e significados atribuídos à docência na Educação Física são (re)constituídos ou mesmo reafirmados em função do “choque” causado pelo ingresso no ensino superior. Como veremos a seguir, é variável o grau de diferenciação existente entre os tipos de meta e de (des)motivação que medeiam a construção das experiências desses jovens na universidade.

De início, viu-se que a perspectiva político-pedagógica defendida pelo curso de licenciatura do CEFD/UFES⁶ atuou como um dos principais pivôs na cisão do grupo investigado. Num primeiro grupo, encontram-se os jovens que se deixaram instigar por este projeto, em grande parte, devido ao modo pelo qual foram dimensionadas as funções do professor de Educação Física, no contexto de um projeto educacional de natureza crítica e transformadora:

[...] pelo discurso que o curso tinha - de mudança da Educação Física - isso me chamou atenção. Quando eu vi que podia ser feito uma coisa diferente, acho que isso me chamou muito atenção no começo. Mesmo eu não sabendo “como” seria diferente, acho que isso me motivou a estudar, a buscar as coisas no curso. Por que eu sempre achei que aquilo que eu vivi na escola, não era muita coisa (CESAR).

Para que a situação fique mais clara, é fundamental delinear o pano de fundo sob o qual se assenta a noção de “mudança” evocada por Cesar e os demais licenciados nesta categoria. Para isso, é necessário trazer à baila umas das problemáticas mais crônicas com a qual atualmente vem sofrendo a Educação Física escolar: o desinvestimento pedagógico. De acordo com Machado *et al.* (2010), o desinvestimento exerce um efeito nefasto sobre as representações sociais da disciplina Educação Física no âmbito escolar, conferindo a ela o status de espaço-tempo situado entre a aula e a não-aula. Tal imagem, diz ele, está diretamente associada à ausência de empenho e de intencionalidades pedagógicas claras por parte do professor, cuja figura, por consequência, torna-se alvo de denominações pejorativas como

[...] *rola bola* e/ou como *pedagogia da sombra*. Geralmente, ele se encontra em estados nos quais não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. Com frequência, converte-se em simples administrador de material didático, atividade que não exigiria, em princípio, formação superior (MACHADO *et al.*, 2010, p. 132).

Gestada desde os primeiros anos da escolarização, a insatisfação dos jovens com a assistemática das aulas de Educação Física parece exercer um papel vital

6. Para maiores detalhes, consultar Paiva, Figueiredo e Andrade Filho (2006).

na valorização da docência, dependendo de como está esboçado o perfil profissional almejado por seus respectivos cursos de formação. Este reconhecimento também pode promover uma sensibilização acerca de dimensões outras da formação acadêmica, que não apenas aquelas relativas à aquisição dos conhecimentos específicos das disciplinas. Em outras palavras, ocorre a superação da crença enraizada de que a universidade é um contexto no qual as aprendizagens se restringem apenas às situações didáticas desenvolvidas em sala de aula. Trata-se da “descoberta” da função inata a essa instituição, que se assenta sobre uma tensão inconciliável na relação com o conhecimento: “[...] entre [o] impulso à universalidade, e as máximas prudentes de um adestramento competente num ofício útil” (COHN, 2001, p. 43).

No outro viés da cisão, em contraste com os jovens que já desenvolveram afinidades com a Educação Física, estão aqueles que prosseguem em estado de frustração. Mas desta vez, tal decepção não se limita mais a uma condição estritamente virtual: o fato de não encontrarem afinidades na identidade profissional e nos saberes específicos preconizados pelo curso em que se encontram não raro resulta em problemas de desempenho nas atividades acadêmico-disciplinares. Há indícios de que esta situação é desdobramento de um impasse que, a título de ilustração, denominamos alegoricamente de *limbo*.

Na teologia cristã, o termo limbo se refere às imediações externas do paraíso, para onde vão os indivíduos que, no decorrer da vida, não cometeram nenhum tipo de pecado mortal, mas que ainda assim, não se submeteram aos ritos do batismo. Àqueles que jazem nesta instância é destinada uma vida comum, que, todavia, é privada da felicidade suprema: o encontro com o criador. No que tange à experiência dos acadêmicos no curso de licenciatura em Educação Física, o limbo designa, de um lado, a combinação das sensações de irreversibilidade, desenraizamento e transitoriedade, causadas pelo receio de desperdiçar investimentos⁷ (culturais, sociais e financeiros) mais ou menos significativos, ao decidir ou apenas cogitar abandonar o curso; e do outro, a indefinição quanto à assunção das responsabilidades decorrentes da vida universitária que, de modo frequente, redundam na afixação do sujeito numa instância imaginária, dilemática e inercial. O limbo consiste numa condição ambivalente, que embora pareça altamente complexa, pode ser simples e emblematicamente expressa em poucos dizeres:

Eu fiquei muito assim: “empurrando” o curso com a barriga. Levando... Querendo sair, mas querendo ficar, entende?! To falando assim: “poxa, se eu sair agora vai ser a maior perda de tempo. Vou ter que fazer mais um ano de cursinho” (JONAS).

7. Por se tratar de uma fase determinante na vida de muitos jovens, entendemos que o período de preparação para o ingresso no ensino superior costuma exigir grandes dispêndios, tanto de ordem material – investimentos financeiros em estudos e cursos preparatórios –, quanto de natureza simbólica – reorganização da vida socioafetiva em função das demandas impostas pela condição estudantil.

Todavia, contrariando a caracterização expressa na fé católica, intuímos que o limbo da formação acadêmica não se configura como uma “morada para toda eternidade”. Isso significa que o acadêmico dispõe de certa mobilidade, podendo transitar para dentro ou fora dele, em função do tipo de experiência que constrói ao longo curso. Não obstante, as reviravoltas desta natureza estão subordinadas a eventos de cunho essencialmente catártico, isto é, às situações enfrentadas pelo acadêmico que desestabilizam seus sistemas de crenças, valores e intencionalidades, forçando-o a ressignificar seus vínculos com a Educação Física, de modo a (des)potencializá-los sob a forma de novas posturas e ações.

Entre ambas as disposições descritas em relação à formação – a compromissada e a “desinvestida” –, percebemos uma importante interseção: o acúmulo de experiências no intervalo entre o término do ensino médio e a entrada na universidade. Munidos de suas respectivas histórias e itinerários de vida, os jovens investigados evocaram as vivências deste período (ou a ausência delas) como um aspecto determinante na composição das escolhas feitas pelo e ao longo do curso de Educação Física. Nas palavras de Jonas e Mercedes, notamos os vértices desta variável:

E aí faltou o que eu falo com todo mundo. Hoje era o momento de eu estar entrando no primeiro período de Educação Física. Hoje com 22 anos – eu entrei com 18. Então pra mim faltou maturidade pra saber mais ou menos lidar com o curso (JONAS).

Como eu tive uma experiência de um ano numa faculdade, eu entrei e fiquei encantada com o fato de ser professora universitária. Tive professores bons, e eu achava interessante quando eu entrei aqui. Eu já pensava em entrar, tentar um mestrado, e depois seguir carreira universitária (MERCEDES).

SOBRE AS (CONTRA)POSIÇÕES DO TRABALHO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Ao analisar os dados pertinentes a seus desempenhos individuais nas atividades curriculares, observamos que um terço dos sujeitos pesquisados declarou ter sofrido algum tipo de “acidente⁸” ao longo do curso, que de algum modo impediu o seu avanço para etapas posteriores. Dentre as justificativas associadas para este tipo de vicissitude, o trabalho é, de modo praticamente unísono, o mais evocado: as discontinuidades presentes em determinados momentos da formação inicial foram associadas à dificuldade de conciliar os compromissos da vida acadêmica, com as incumbências oriundas de empregos, estágios ou mesmo “bicos”, assumidos no decorrer da graduação.

8. Nesse caso, referimo-nos aos trancamentos e cancelamentos de disciplinas obrigatórias, bem como às reprovações.

Nesses casos, é de costume explicar a inserção dos estudantes em “jornadas duplas”, trabalho-escola/universidade, à necessidade de garantir as condições materiais de existência, bem como a sua permanência no ensino superior. Certamente, essa premissa não deixa de ser fidedigna, afinal, não se deve perder de vista que a universidade, ao impor padrões de excelência e dedicação que não se ajustam aos estilos e níveis de vida de parcela significativa da população, permanece como um dos principais mecanismos de exclusão da sociedade contemporânea. Não obstante, há que se relativizar a compreensão de que alguns estudantes estão mais propensos a buscar fontes de remuneração única e exclusivamente com o objetivo de suprir as “lacunas” que supostamente os impedem de se aplicar no curso.

Como já explicitamos em outra ocasião (CRUZ JUNIOR; CAPARROZ, 2013), as informações de cunho socioeconômico obtidas por meio dos questionários revelam que a maior parcela dos sujeitos investigados: a) faz parte das classes média, média-alta e alta; b) tem em média 22 anos, ingressando na universidade em média com 19 anos; c) ainda está sob a tutela de seus pais. Embora não sejam suficientes para certificar que tais “necessidades” não existem, tais informações acentuam a desconfiança de que o fator “carência” não seja a única ou a principal motivação para busca de fontes (alternativas) de renda. Em decorrência disso, destacamos a influência de dois outros agentes que se mostram fortemente enraizados na condição juvenil hodierna e que interferem significativamente no modo como este tipo de envolvimento se configura.

O primeiro deles é de ordem psíquica: trata-se de um impulso parcialmente inconsciente, que consiste na utilização do trabalho como trampolim para a afirmação de uma identidade adulta. Para Kehl (2004), esta ânsia tem início já no período da puberdade: nela, o organismo das crianças normalmente sofre uma série de transformações biológicas que, entre diversos efeitos, fazem com que o nível de desenvolvimento do corpo supere o da mente, ou seja, que a idade física entra em situação de descompasso em relação à idade psicológica. Em outros termos, a adolescência pode ser considerada como o início de uma importante fase de regulação, na qual os jovens esforçam-se para reequilibrar sua subjetividade, retraindo os comportamentos pueris, compatibilizando-os com a sua recém adquirida aparência adulta. Para isso, afirma a autora, eles costumam se valer de objetos-fetice,⁹ que ajudam a consciência a lidar com essa transição, introduzindo-a no universo simbólico e na cultura dos mais velhos.

Diante disso, presumimos que uma das razões responsáveis por influenciar o acadêmico a se engajar em atividades remuneradas, que nem sempre atuam (apenas)

9. Kehl (2004) usa como exemplo a atração que os meninos nesta condição sentem por objetos como o barbeador, e as meninas por sutiãs.

na manutenção de seus meios de vida, e ainda trazem riscos à sua “sobrevivência” no curso, é o anseio de afirmar-se como adulto – nesse caso, entendido como indivíduo capaz de saciar de modo autônomo todas as suas necessidades, sejam elas básicas ou supérfluas. Há que se reconhecer o caráter elástico – e por isso fugidivo – das noções de “básico” e “supérfluo”. Por este motivo, não é prudente engessar as interpretações a esse respeito. Ainda assim, isso também não nos impede de atribuir ao trabalho, no contexto da formação acadêmica, o status de objeto-fetichê, empregado no intuito de impulsionar o processo de amadurecimento psíquico do sujeito, ampliando a sua sensação de pertencimento à maioridade.

Entra na baila, então, o segundo fator anunciado que, desta vez, é de natureza sociocultural. Nesse sentido, é fundamental contextualizar a formação dos significados vinculados à noção do “ser adulto” no cenário da sociedade dos consumidores. Bauman (2008) é categórico ao afirmar que, no mundo líquido-moderno, os traços identitários responsáveis por conferir singularidade a indivíduos e coletivos, cada vez mais são colonizados pela ideologia da mercantilização do mundo, reificando-se sob a forma de objetos de consumo. Dito de outro modo, a posse passa a ser pré-requisito para o ser. Conforme esclarece o autor, no caso

[...] da subjetividade na sociedade de consumidores, é a vez de comprar e vender os símbolos empregados na construção da identidade – a expressão supostamente pública do ‘self’ que na verdade é o “simulacro” de Jean Baudrillard, colocando a ‘representação’ no lugar daquilo que ela deveria representar (BAUMAN, 2008, p.23-24).

Não é somente o trabalho em si, isto é, o exercício de uma atividade associada ao ideal de vida adulto, o que preenche as lacunas presentes na constituição do sujeito jovem: o interesse nesse tipo de esforço parece residir igualmente no poder de consumo/compra que ele é capaz de agregar, posto que junto com ele, aumenta também o leque de opções disponível para a ostentação do estilo de vida almejado. Trata-se, portanto, de consumir o maior número possível de bens e serviços relacionados ao *modus vivendi* adulto.

Face a essa observação, parecem razoáveis as palavras de Lipovetsky (2007, p. 13):

Não é difícil imaginar o grau de amargura e ressentimento experimentado pelos jovens que permanecem inativos anos e anos a fio, valendo-se de pequenos trabalhos temporários, estágios e outros expedientes, sem garantir acesso à sociedade hiperconsumista e, decididamente, impedidos de ter qualquer espécie de autoestima.

Evidentemente, não queremos engrossar o coro de vozes que enaltecem o ideário consumista, ressaltando a sua suposta primazia no que se refere ao exercício

da cidadania e à expressão da individualidade. No entanto, para que se amplie o entendimento acerca das relações entre os jovens e a formação acadêmica, mediadas pelo trabalho, é essencial o redimensionamento de alguns dos principais argumentos utilizados neste tipo de análise. Nesse sentido, deve-se evitar a cristalização de modelos explicativos sustentados por jargões, dentre os quais, estão aqueles que se ancoram no pressuposto de que a satisfação das necessidades materiais primárias e imediatas é sempre a única motivação que subjaz a esse tipo de vínculo. Cremos que somente assim poderão ser equacionados os impasses que interferem, nem sempre de modo salutar, na eficácia dos processos de formação acadêmico-profissionais (da Educação Física).

DO COMPROMISSO RATIFICADO À DESISTÊNCIA PRÉ-ADMITIDA

No último eixo da pesquisa, mapeamos algumas informações ligadas aos projetos futuros firmados pelos acadêmicos, na tentativa de identificar as inserções da docência nestes planos, bem como os principais sentidos e significados que gravitam em torno deles. Naturalmente, em função das restrições impostas ao texto, serão aludidas apenas as análises de maior significância, isto é, aquelas que melhor sintetizam as tendências mais representativas no público investigado.

De início, a já mencionada (re)descoberta da Educação Física escolar, enquanto componente curricular norteado política e pedagogicamente por objetivos claros e relevantes sob o ponto de vista social, destacou-se como vivência consensualmente positiva. Ao qualificar o mérito dessa experiência para sua formação, os graduandos evocam-na como fator responsável por render credibilidade à atividade docente, tornando-a uma carreira simpática aos seus olhos. Ainda assim, isto não se revelou preponderante no estabelecimento de suas pretensões vindouras. As informações oriundas dos questionários indicam que quase a metade dos jovens pesquisados não está certa se deseja continuar na Educação Física escolar, ou então, simplesmente descarta esta hipótese. Nesses casos, ainda que cogitada, a atuação no magistério é apenas eventual e provisória, assumida como meio necessário à garantia dos meios de vida, e trampolim para empreitadas profissionais diferentes e que sejam, provavelmente, mais rentáveis.

Em que pese a complexidade dessa conjuntura, destacamos, entre todas as variáveis implicadas, aquela que parece exercer o maior peso sobre esta e muitas outras decisões referentes à formação acadêmica: a família. Embora não estivesse prevista como categoria de discussão, sentimo-nos impelidos a abordar, ainda que brevemente, suas relações com as experiências e inserções do jovem na universidade, tamanha a dimensão e amplitude de sua influência sobre os caminhos trilhados por ele neste contexto.

Na qualidade de instância de socialização primária, a ela cabe o papel de regular, em conjunto com outras esferas, o conjunto de disposições de ação e pensamento individuais imanentes ao *habitus* do jovem. Para Bourdieu (1998), a família, mediante intervenções e juízos de caráter avaliativo aferidos sobre as iniciativas de seus membros, contribui para a inculcação dos parâmetros sociais, por meio dos quais, o indivíduo orienta suas condutas, na busca de capital simbólico – nesse caso, o reconhecimento dos pares. Este condicionamento, explica o autor, tem início desde a mais tenra idade:

[...] os efeitos sociais do *fatum* familiar, entendido como conjunto dos veredictos, positivos ou negativos, emitidos sobre a criança pela família, enunciações performativas do ser da criança que fazem ser aquilo que enunciam, ou, de maneira mais subtil e mais dissimulada, o conjunto das censuras silenciosas impostas pela própria lógica da ordem doméstica como ordem moral, não seriam tão poderosos, nem tão dramáticos, se não estivessem sobrecarregados de desejo e, a favor do recalçamento, enterrados no mais profundo do corpo, onde se registram sob a forma de culpabilidades, de fobias, ou, numa palavra, de paixão (BOURDIEU, 1998, p. 148).

À luz de alguns dos depoimentos reunidos, não foi difícil verificar a manifestação deste conceito, que se fez presente como “agravante” da clivagem já sinalizada no grupo pesquisado. Notamos que a vivência familiar adquiriu conotações diametralmente opostas na relação dos jovens com a docência, fato que culminou também na edificação de seus projetos para o futuro. Nesse sentido, a primeira tendência observada corresponde à subsunção da relevância sociocultural da profissão, ao seu grau de rentabilidade econômica. Os relatos dos jovens com a menor participação no curso revelam a operacionalização de tal lógica na classificação do curso e da função professoral:

[...] eu acho que é muito desgastante, pelos estágios que a gente já teve, [e] pelo que eu conheço de professor. Tem muito professor na minha família. Não é lucrativo do ponto de vista financeiro. Não é rentável. *Todo o preconceito familiar que eu sofro, pressão de que: “você tem que trabalhar”; “isso não dá dinheiro”; “você perdeu quatro anos da sua vida, jogou pela janela”*. *Todo mundo fala isso pra mim, e isso é uma coisa que cansa*. Então eu quero começar a trabalhar, e fazer um outro curso que valha a pena pra minha vida. Por que esse, pra mim, contribuiu com muita coisa, mas não coisas que vão me dar dinheiro (JONAS, grifo nosso).

Quanto a isso, sabe-se que as fronteiras entre o que é de interesse do jovem e aquilo que é desígnio ou imperativo familiar são difusas e altamente porosas. Mesmo assim, fica evidente que a estes jovens foi legada uma espécie de *herança coercitiva*, devido a qual estes se vêem na obrigação de dar continuidade aos projetos de vida de seus pais. Como bem observam Presta e Almeida (2008), os jovens dotados

de pretensões mais ambiciosas para o futuro profissional, de ordinário, são aqueles originários de famílias cuja trajetória de mobilidade socioeconômica indica, até a sua geração, uma curva de ascensão.

Já no outro pólo da divisão, encontram-se as vivências familiares que agiram como núcleos fortalecedores da autonomia do jovem. Nesse grupo, enquadram-se os licenciandos que puderam exercer livremente as escolhas atinentes à carreira, sem com isso sofrer com nenhum tipo de interdição moral. Os indivíduos mais “engajados” destacam a importância que os reforços positivos da família exerceram sobre suas tomadas decisão:

Coisas que eu vivi no curso foram me mostrando a responsabilidade da Educação Física: melhorar a qualidade de vida das pessoas. Quando comecei a perceber que isso na Educação Física tinha lugar, acho que foi me dando gosto pra querer ser professor da escola [...] Eu sempre falei que ia fazer faculdade de Educação Física, mas não tinha isso muito certo. Nunca minha família falou: “ah! Faz outro curso!” Eles sempre me apoiaram muito. Até na questão financeira também, por que eles sempre me deram apoio pra ir pra congresso, me bancaram sem questionar. Mas é menor, por que o *incentivo que eles deram é muito maior do que o financeiro* (CESAR, grifo nosso).

Por fim, convém ressaltar que tais formas de socialização são elementos que perpassam todo o período da formação acadêmica, não se restringindo a momentos isolados ou manifestações pontuais. Por isso, admite-se que as experiências construídas no âmbito da família exercem um papel central na (re)definição dos rumos seguidos pelo jovem, dentro e fora dos domínios do ensino superior. Estes laços se consomem mediante contínuos atos de inculcação de padrões de compreensão e esquemas axiológicos que atuam nos processos de classificação e delimitação dos limites e possibilidades inerentes à profissão escolhida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações expostas, percebemos que os elementos mediadores da relação entre o jovem e a docência adquirem conotações múltiplas no âmbito da formação acadêmica. De antemão, reafirmamos que este trabalho não propôs a elencar, de modo enciclopédico, todos os agentes implicados nesta articulação, exaurindo-os em todas as suas vias de reflexão. A intenção aqui foi tão somente revelar algumas das nuances presentes nas relações entre o jovem, a universidade e a Educação Física, trazendo à luz a sua proficuidade no processo de compreensão dos processos de constituição das identidades docentes.

Visto isso, destacamos como principais pontos de tensão da problemática, os seguintes aspectos: a) sentidos e significados da (Educação Física no processo

de) escolarização; b) consumo e individualidade; c) maioria e autossuficiência; d) profissionalidade e reconhecimento; e) convívio com os pais e demais experiências familiares. A divisão preliminar do grupo investigado, por meio da qual foram obtidos dados a respeito de acadêmicos que trilharam trajetórias distintas no curso, também revelou que todas estas variáveis convivem numa estrutura complexa e hierarquizada, cujos arranjos e disposições afetam tanto os modos de conceber a docência, quanto as maneiras de gerir as oportunidades formativas ofertadas pela universidade.

Em geral, esta teia de relações também encobre projetos de vida dos jovens na universidade, ora constringendo-os, exigindo a sua reorganização, ora fortalecendo-os, servindo de base estratégica e motivação. Em meio a essa instabilidade, os significados atribuídos à docência também divergem: enquanto os jovens menos envolvidos com o curso apoiaram na baixa rentabilidade financeira da carreira no magistério, fazendo eco a princípios típicos da sociedade dos consumidores, e que muito vezes são reiterados no círculo familiar; os acadêmicos mais "ativos", movidos pela autonomia e liberdade respeitada por seus pais, deram vulto ao mérito simbólico-social da profissão, alinhando-a às suas utopias de um mundo melhor e mais justo.

Por fim, afirmamos a importância de maiores estudos centrados na figura do egresso, posto que esforços desta natureza criam condições de possibilidade para a melhor articulação das pesquisas sobre a formação inicial em Educação Física, com as investigações que visam mapear suas implicações para a condição e práticas docentes.

Youth Between Desire and Reality at Academic Training in Physical Education: from Clouds till Magistracy...

ABSTRACT: This article focuses the manifestations of youth condition in the context of initial training in Physical Education, noting how "being youngster" interferes with the construction of the academic itineraries of individuals in this course, and (re)configure their understandings about being teacher. Through questionnaires and interviews, it was found that this element supports different forms of (dis)engagement, linked to issues such as: meanings of Physical Education in the schooling; consumption; self-sufficiency; recognition; family.

KEYWORDS: Physical Education; Teachers Training; Youth.

La juventud entre el deseo y la realidad en la formación académica en Educación Física: de las nubes hasta la docencia...

RESUMEN: Este artículo aborda los síntomas de la condición juvenil en el contexto de la formación inicial en Educación Física, teniendo en cuenta las formas como el "ser joven" interfiere en la construcción de las rutas académicas de los individuos en este curso, y (re) configuran sus comprensiones acerca del ser maestro. A través de cuestionarios y entrevistas,

se encontró que este elemento apoya las diferentes formas de (des)participación, vinculados a temas tales como: sentidos de la Educación Física en la escuela; consumo; autosuficiencia; reconocimiento; familia.

PALABRAS CLAVE: Educación Física; formación del profesorado; juventud.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto, 1994.

BOURDIEU, P. *Meditações pascalianas*. Oeiras: Celta, 1998.

COHN, G. Dos riscos que se corre nas ciências sociais. *Tempo Social*, São Paulo, n. 13, p. 39-47, maio 2001.

CRUZ JUNIOR, G. Educação Física, juventude e sociedade: cenário e desafios da/na formação acadêmico-profissional. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

_____.; CAPARROZ, F. E. A juventude rumo à docência: considerações sobre a formação profissional em Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 145-159, 2013. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/1019/816>>. Acesso em: 15 maio 2013.

DAYRELL, J. T.; GOMES, N. L. A juventude no Brasil. *Observatório Jovem*, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.cmpbh.com.br/arq_Artigos/SES1%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2009.

FIGUEIREDO, Z. C. C. Experiências sociocorporais e formação docente em Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 85-110. jan./abr. 2008.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KEHL, M. R. A Juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

LIPOVETSKY, G. *A sociedade da decepção*. Barueri: Manole, 2007.

MACHADO, T. S. et. al. As práticas do desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 129-147, 2010.

NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. *Revista Sociologia Especial (Ciência e Vida)*, São Paulo, n. 38, p. 1-10, 2007. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a38-rnoaes.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2009.

SZYMANSKI, H. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano, 2002.

PAIVA, F. S. L.; ANDRADE FILHO, N. F.; FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação docente e Currículo no CEFD/UFES. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 213-230, 2006.

PEREGRINO, M. A fecundidade da noção de moratória (vital/social) para análise das relações entre juventude e educação no contexto de massificação dos processos educativos. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 27., 2004, Caxambú. *Anais...* Caxambú: Anped, 2004.

PRESTA, S.; ALMEIDA, A. M. F. Fronteiras imaginadas: experiências educativas e construção das disposições quanto ao futuro por jovens dos grupos populares e médios. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 103, p. 401-424, maio/ago. 2008.

Recebido em: 7 nov. 2011

Aprovado em: 20 out. 2012

Endereço para correspondência:

Gilson Cruz Junior

Av. Saturnino Rangel Mauro, 90c

Praia de Itaparica, Vila Velha, Espírito Santo

CEP: 29102-030

E-mail: gjjao05@hotmail.com